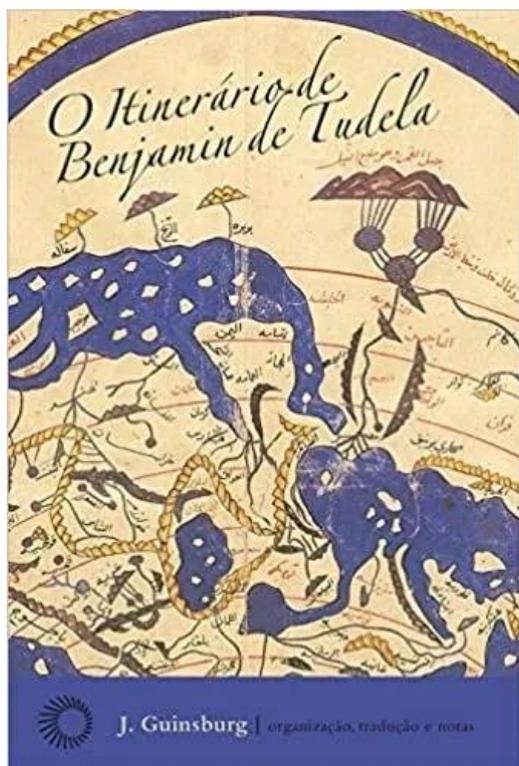


O SEFER MASSA'OT DE BENJAMIN BEN IONÁ DE TUDELA

Taís Nathanny Pereira da Silva



Nascido no Reino de Navarra, o judeu Benjamin ben Ioná de Tudela (Binyamin ben Yonah mi-Tudelah, 1130? - 1173 E.C.), ou simplesmente rabi Benjamin, empreendeu suas viagens por volta de 1160, dentro de um dos períodos cruciais da história medieval, entre a Segunda Cruzada, que deu início à reconquista da Península Ibérica, e a Terceira Cruzada, quando Saladino tomou Jerusalém. Seu sefer massa'ot (itinerário), que expõe de forma recorrente a erudição de seu povo, compreende grande parte do mundo então conhecido. Ao analisarmos sua obra com atenção, somos levados a admitir que ele poderia ter sido mercador e que estaria induzido a notar, com precisão, o estado dos negócios nas cidades e nos reinos que foram por ele visitados.

As mudanças geopolíticas ocorridas na Península Ibérica no século XII contribuíram para a ampliação da representação de mundo em termos espaciais. Neste cenário, há coincidência com o aumento do fluxo de peregrinações judaicas e com o florescimento da literatura de viagem judaica. Assim como outros peregrinos maometanos e cristãos da Idade Média, o sefardita visitou Jerusalém, a cidade, e Bagdá, o assento dos últimos príncipes de sua nação, e valeu-se dessa peregrinação para coligir informações que pudessem ser agradáveis e úteis aos seus irmãos de fé. Existe em sua escrita o apego a esses sítios e monumentos, que supostamente atestam a antiga grandeza de seu povo, e para os quais eles olhavam com certa melancolia.

O sefer massa'ot de Benjamin de Tudela impulsiona um dos mais interessantes estágios do desenvolvimento das viagens. Marcus N. Adler resume a história do mundo conhecido, desde a queda do Império Romano até o momento de sua tradução do Itinerário para o inglês em 1907, como a luta entre a Cruz e o Crescente. Um persistente fluxo e refluxo caracteriza esse encontro.

Benjamin teria supostamente chegado ao Egito cerca de três anos após deixar sua cidade natal – Tudela, no norte da Espanha, junto ao Ebro. Para Le Goff, o interesse em viajar e se pôr em contato com o Além, com o sobrenatural, por meio de maravilhas e fenômenos acima da ordem habitual do mundo, era para o homem medieval uma forma de satisfazer sua curiosidade e desejos (LE GOFF, 2002, p. 104). A cidade que deveria ser o auge de sua peregrinação, não ganha tanto destaque, mesmo assim Jerusalém é vista como centro do mundo e berço dos antepassados de Benjamin. Sobre ela o sefardita descreveu monumentos sagrados, túmulos e fenômenos fora do habitual como o pilar de Edith – o Pilar de Sal em que a mulher de Lot foi convertida. Segundo o relato, as ovelhas lambem-no continuamente, mas ele torna ao seu formato original.

SILVA, Taís N. O SEFER MASSA'OT DE BENJAMIN BEN IONÁ DE TUDELA. *Cruzadas e Peregrinações*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

Quando chega em Jerusalém, Benjamin menciona dois edifícios sagrados para sua cultura que estariam sob domínio cristão – o Hospital e o Templo de Salomão – marcando neste trecho a presença dos Cavaleiros Templários e Hospitalários na Terra Santa. A descrição de Jerusalém, mesmo sendo o auge da viagem de Benjamin, é breve. Não chegaremos ao ponto de afirmar que Itinerário construa um relato hagiográfico, tão pouco afirmar categoricamente que se trata de um relato de peregrinação, visto que não temos como saber definitivamente as principais motivações da viagem. No entanto, contamos os elementos presentes no texto que demonstram uma lista longa de lugares cheios de significado religioso. Alguns deles surgem com foco nas práticas devocionais que eram tidas como heréticas, uma vez que não eram estimuladas pelas autoridades rabínicas, como as visitas aos túmulos dos patriarcas.

Sobre o sentido peregrinatório, cabe salientar que ele é atestado por não ocorrer apenas em torno das tumbas dos santos do judaísmo. Cabe ainda ressaltar que essa é uma peregrinação diferente daquela da Antiguidade, antes da queda do Segundo Templo, quando tinha caráter obrigatório – com a queda do Templo a peregrinação deixa de ser obrigatória. Assim, observamos no judaísmo medieval uma intensificação das peregrinações à Terra Santa. Estas se dão não apenas em torno das tumbas, mas também das sinagogas, pois estas passam a ocupar o centro do culto, após a queda do Templo.

A sinagoga acaba se constituindo no centro das peregrinações. Vemos isso claramente em Benjamin – a sinagoga de Ezra, que é atribuída a Daniel e a sinagoga onde estariam os restos mortais de Ezequiel. A peregrinação aparece atestada como se dirigindo aos lugares considerados de santidade, sendo sinagogas, sepulcros ou lugares de memória do judaísmo.

Em seus relatos, percebemos oscilações de posturas com relação ao sagrado e ao culto dos santos que vão da simples menção de lugares de sepultamento, ao mapeamento de práticas que seriam mesmo consideradas condenáveis pelas autoridades rabínicas, como o túmulo de Raquel. Em outras passagens, ele relata a tensão entre o que era considerado ortodoxo e as práticas devocionais. Acerca da Casa de Davi, o autor relata aquilo que ouviu dizer – dois trabalhadores envolvidos no restauro da Igreja de Monte Sião acabam descobrindo uma entrada na caverna. Acreditando na hipótese de encontrar algo de valor, encontram nela uma voz que os expulsa daquele lugar.

A referência aos lugares de sepultamento de figuras importantes na identidade e na memória judaica é recorrente no relato, principalmente no que se refere a regiões de florescimento e afirmação do judaísmo na antiguidade, como Jerusalém.

O autor menciona diversos lugares de sepultamento, mas também a presença de sinagogas, casas, construções e ruínas. Benjamin cria uma geografia do sagrado que possibilitaria a seus leitores refazerem seu percurso e encontrar os lugares importantes para a memória do povo judeu. Indica lugares referidos na Torá e menciona práticas que demonstram a postura que o judaísmo tinha com relação aos seus mortos especiais.

Por fim, no que se refere a memória e seu papel para a afirmação dessa identidade judaica no texto de Benjamin, observamos a construção de uma identidade que não anula a diversidade de práticas e cultos dentro do judaísmo, e a grande profusão de grupos que o viajante faz questão de pontuar em seu texto. Ainda assim, ao construir sua narrativa, há um fio condutor que busca na memória de um passado judaico não apenas o elemento comum para esses grupos, capaz de dotar de certa coesão as diversidades, mas confere ainda referências a um passado em que os judeus não teriam que se ver

SILVA, Taís N. O SEFER MASSA'OT DE BENJAMIN BEN IONÁ DE TUDELA. *Cruzadas e Peregrinações*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

submetidos a outros povos, algo que é muito valorizado em seu texto. A memória dos reis de Israel, ou ainda dos patriarcas e profetas, a menção aos sítios de peregrinação, a referência a um passado em que se governavam, tudo isso é costurado pelo viajante como parte de uma memória comum de um grupo. Perpetuar essa memória era importante e é isso que nosso viajante faz.

Para saber mais

DECTER, Jonatan P. *Iberian Jewish Literature: Between AL-Andalus and Christian Europe*. Bloomington: Indiana University Press, 2007. p.188

GUINSBURG, J. (Org.). *O Itinerário de Benjamin de Tudela*. Tradução e notas de J. Guinsburg. SP: Perspectiva, 2017.

MAZZI, Maria Serena. *Los viajeros medievales*. Machado Grupo de Distribución, SL. Madrid, 2018.

SILVA, Taís N. O SEFER MASSA'OT DE BENJAMIN BEN IONÁ DE TUDELA. *Cruzadas e Peregrinações*. In: *Sacralidades Medievais* (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>